

# A mulher do diabo não morreu: pombagira, demonização do feminino, batalhas poéticas e do saber contra o abuso colonial

Clairí Zaleski<sup>16</sup>  
Luiz Rufino<sup>17</sup>

La mujer del diablo no murió: pombagira, demonización de lo femenino,  
batallas poéticas y de saberes contra el abuso colonial

## Resumo

O objetivo desse texto é trazer pombagira para pensar as questões da demonização do feminino construída historicamente a partir da formação das sociedades baseadas no patriarcado onde o homem vai sendo colocado num centro de grandeza e a mulher culpabilizada pelas mazelas sociais e desgraças de toda a sorte. No fim do século XIV até meados do século XVIII acontece o fenômeno generalizado de repressão sistemática às mulheres, caçadas como bruxas, queimadas vivas em fogueiras durante quatro séculos sob variadas acusações em torno do corpo e da sexualidade feminina, envolvendo principalmente a relação da mulher com o diabo. Seriam as bruxas capazes de inúmeras atrocidades contra a figura masculina, desde seduzi-los ao ponto de fazê-los pecar, até torná-los impotentes, roubar suas genitálias. Fomentando e construindo o ódio de gênero. Neste texto a interlocução com a pombagira se dá para pensar essa demonização a partir de suas manifestações relacionadas ao diabo e ao inferno, a entidade se apresenta como Maria Padilha rainha do inferno, Maria Padilha mulher de Lucifer ou mulher do diabo, assumindo esse lugar por uma via de transgressão, invocando sensualidade, libido e sexualidade aflorada como símbolos de cura e resgate do corpo feminino ultrajado pelos mecanismos colonizadores do patriarcado.

**Palavras-chave:** Pombagira; Demonização do feminino; Descolonização

## Abstract

The purpose of this text is to bring pombagira to think about the issues of demonization of the feminine historically constructed from the formation of societies based on patriarchy where the man is placed in a center of grandeur and the woman blamed for social ills and misfortunes of all sorts. At the end of the 14th century until the middle of the 18th century, the widespread phenomenon of systematic repression of women took place, hunted as witches, burned alive at the stake for four centuries under various accusations regarding the female body and sexuality, involving mainly the woman's relationship with the devil. Witches would be capable of innumerable atrocities against the male figure, from seducing them to the point of making them sin, to making them impotent, stealing their genitals. Fostering and building gender hatred. In this text, the interlocution with the pombagira takes place to think about this demonization from its manifestations related to the devil and hell, the entity presents itself as Maria Padilha queen of hell, Maria Padilha wife of Lucifer or woman of the devil, assuming this place by a way of transgression, invoking sensuality, libido and sexuality as symbols of healing and rescuing the female body outraged by the colonizing mechanisms of patriarchy.

**Keywords:** Pombagira; Demonization of the feminine; Decolonization

---

<sup>16</sup> Assistente Social, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, na linha Educação Movimentos Sociais e diferenças da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ). <https://orcid.org/0000-0003-0243-6601> Endereço eletrônico: [clairizaleski31@gmail.com](mailto:clairizaleski31@gmail.com).

<sup>17</sup> Doutor em Educação, Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC-UERJ). <https://orcid.org/0000-0003-0206-254X> Endereço eletrônico: [luizrfn@gmail.com](mailto:luizrfn@gmail.com).

## O pecado em ser mulher- primeira gargalhada

Foi condenada  
Pela Lei da Inquisição  
Para ser queimada viva  
Sexta-Feira da Paixão  
O padre rezava  
E o povo acompanhava  
Quanto mais o fogo ardia  
Ela dava gargalhada  
(Ponto de Pombagira)

Os modelos de sociedade baseados numa estrutura hetero patriarcal, branca e eurocêntrica juntamente com os processos colonizadores, contou ao longo da história, com a articulação e intervenção do cristianismo e suas escrituras. O interesse em ajustar os indivíduos para facilitar o controle social se valeu de práticas moralizantes, manipulação da culpa a partir do uso de noções como inferno e pecado, avançando num modelo católico de colonização (catequese).

O lavrador e liderança quilombola Antonio Bispo dos Santos (2015), nos chama atenção para o modelo moneteísta, eurocristão que defende um Deus onipotente, onisciente e onipresente. Esse Deus único e inatingível se apresenta de forma desterritorializada e exclusivista visto de uma direção apenas. Por se tratar de um Deus masculino o desenvolvimento das sociedades que o tomam como referência tendem também a ser patriarcais, apegados a monismos objetivos e abstratos onde sua divindade não pode ser vista materialmente.

Quanto aos povos pagãos politeístas que cultuam várias deusas e deuses pluripotentes, pluricientes e pluripresentes, materializados através dos elementos da natureza que formam o universo, é dizer, por terem deusas e deuses territorializados, que tendem a se organizar de forma circular e/ou horizontal, porque conseguem olhar para as suas deusas e deuses em todas as direções. Por terem deusas e deuses tendem a construir comunidades heterogêneas, onde o matriarcado e/ou patriarcado se desenvolvem de acordo com os contextos históricos. Por verem as suas deusas e deuses elementos da natureza como, por exemplo, a água, a terra, o fogo outros elementos que formam o universo, apegam-se à plurismos subjetivos e concretos (BISPO DOS SANTOS, 2015, p.39).

Nesse sentido, o autor nos aponta diferenças entre os cultos monoteístas e politeístas que levantam uma importante reflexão sobre as experiências organizativas de diferentes grupos. Segundo Bispo dos Santos (2015), o modelo de culto num templo cristão apresenta uma estrutura onde os fiéis se postam verticalmente diante do altar, um pregador fala em nome de Deus sobre as normas inflexíveis contidas na bíblia. Os fiéis, a partir dessa organização, são submetidos a modos e significações de acordo com a vontade do Pai sob o aviso de variadas punições para os pecadores desobedientes.

Em outra perspectiva o autor nos diz que nos cultos politeístas, nos terreiros dos povos pagãos, os praticantes se organizam de forma circular no centro do terreiro como num salão de festas, juntamente com as lideranças da comunidade. As deusas e deuses se manifestam com a força viva da natureza compartilhando sabedoria e ancestralidade. Essas práticas partem de um princípio onde não existe pecado, da interação com a natureza e da relação com deusas e deuses se materializam as condições de vida. Se opõem portando, às maldições dirigidas ao feminino e a terra.

Já que você deu ouvidos à sua mulher e comeu da árvore cujo fruto eu lhe tinha proibido comer, maldita seja a terra por sua causa. Enquanto você viver, você dela se alimentará com fadiga. A terra produzirá para você espinhos e ervas daninhas, e você comerá a erva dos campos. Você comerá seu pão com o suor do seu rosto até que volte para terra, pois dela foi tirado, você é pó e ao pó voltará (GÊNESIS 3,17).

A culpa do primeiro pecado recai sobre a mulher, e toda a maldição advém daí. Dessa maneira, infeliz o homem que dá ouvidos a pecadora. Tomando a narrativa apresentada no livro de Gênesis, o pecado original é um dos responsáveis pelo sustento do homem se dá a partir do trabalho, enquanto castigo e a demonização do feminino vai avançando suas proporções.

Rose Marie Muraro (2020)<sup>18</sup> ao fazer uma análise da questão da mulher, na obra *Martelo das Feiticeiras*, descreve alguns marcos históricos que contribuiram para delinear a cultura patriarcal que ia se formando. Durante a escrita do Gênesis no Oriente Médio o status da mulher ia se degradando, esses escritos bíblicos apontam grande desigualdade entre homem e mulher: Deus cria o homem só, e depois tira a companheira da costela dele, o homem “pare” a mulher, tirar da costela é menos violento que tirar do ventre. “Agora, parir é um ato que não está mais ligado ao sagrado, e é antes, uma vulnerabilidade do que uma força, a mulher se inferioriza pelo próprio fato de parir que outrora lhe assegurava grandeza” (MURARO, 2020 p.23).

Essa narrativa, que coloca o homem como criador, que trabalha e domina a natureza, desde a escritura do livro de gênesis, embasa a cultura patriarcal e serve para a manutenção da mulher num suposto devido lugar subordinada a ele. Nesse sentido, vai se criando os elementos necessários para a imagem da mulher ser apresentada como tentadora do homem. A mulher emerge como uma inscrição a ser contida e controlada, pois atrapalha sua relação com Deus, já que ela conflita as relações entre os homens e está associada à carne, ao sexo e o prazer. A serpente que em outras eras fora símbolo de fertilidade e sabedoria, torna-se demoníaca agente

---

<sup>18</sup> Escritora pioneira na abordagem do feminismo no Brasil, na obra citada analisa os alicerces presentes no manual, que permitiram a opressão e a violência institucional, por séculos, ao corpo das mulheres.

do pecado, em especial do pecado da carne. Nesse sentido, as liberdades do corpo, sexual e desejo se imbricam na ideia do pecado maior:

Apenas nos tempos modernos está se tentando deslocar o pecado da sexualidade para o poder. Isto é, até hoje não só o homem como também as classes dominantes tiveram seu status sacralizado porque a mulher e a sexualidade foram penalizadas como causa máxima da degradação humana (Muraro, 2020 p.24).

No período em que o cristianismo vai se sedimentando pela Europa há um conflito de valores e a situação se torna um tanto confusa para as mulheres, ainda assim ocupam algum lugar nas decisões pela ausência dos homens devido as guerras. Na Idade Média as mulheres acessam às artes, às ciências e à literatura. Isso ocorre durante as Cruzadas momento em que a Igreja chega ao seu maior poder temporal, e logo depois dessa época fim do século XIV até meados do século XVIII acontece o fenômeno generalizado de repressão sistemática às mulheres, caçadas como bruxas, queimadas vivas em fogueiras durante quatro séculos.

Uma possível explicação para essa perseguição seria, segundo a abordagem histórica de Muraro, a relação das mulheres com os processos de cura populares, com o saber próprio a respeito do uso de ervas curativas (e venenosas), habilidades de parteiras e conhecimento sobre anatomia humana. Em outros tempos podemos dizer que se direciona as mulheres uma guerra político/epistemológica tendo o gênero/patriarcado como um de seus fundamentos.

Ao lado da igreja, também a medicina – apoiada na ciência aristotélica, na qual o calor vale mais que o frio e o seco mais que o úmido, sendo o sexo feminino mais frio e úmido que o masculino – contribuiu significativamente para a construção do estereótipo da inferioridade da mulher (ALVES, PITANGUY. p.37).

A detenção desse conhecimento e a organização dos grupos de mulheres “atrapalharia” a centralização do poder, até então disperso e frouxo, do sistema feudal. Sistema esse que a partir do fim do século XIII se empenha em organizar métodos políticos e ideológicos mais modernos, a religião católica e mais tarde a protestante são fundamentais nesse processo.

O discurso médico atrelado ao da Inquisição coloca a bruxa na parteira, na curandeira, a terapia médica secular era praticada pelos marginais à igreja: os judeus, as mulheres. De acordo com o Malleus (1430), as parteiras superavam em maldade todas as mulheres. A bruxaria vai se misturando com a história da medicina enquanto instituição. As narrativas médicas contrárias ao poder feminino polarizam e contrastam o corpo do homem e da mulher: perfeito *versus* imperfeito, a imagem da curandeira vai se afirmando como perigosa e maléfica. ALVES, PITANGUY (2022).

A fabricação da bruxa criada pelo discurso demonológico, ocorre, portanto, no marco de uma luta pelo monopólio da legitimidade dos conhecimentos por parte da igreja (saber de intermediação com o sobrenatural) e da medicina (saber de cura), e a história

da caça às bruxas vai de par com a demarcação histórica das esferas de atuação institucional desses saberes (IDEM p.38).

Os tribunais de inquisição se prestaram ao papel de torturar e assassinar as pessoas que julgavam heréticas ou bruxas, tentando adequar as massas camponesas às regras de comportamento. Esses tribunais com rígido controle ao corpo e a sexualidade, lançando mão de muita violência vão dando os contornos das regras morais que passam a se instaurar na mente das pessoas, concretizando uma ideia de puritanismo.

A longa perseguição as hereges foi algo muito bem calculado para conquistar maior centralização de poder. Nesse contexto a transgressão da fé era também, por se tratar de um mundo teocrático, transgressão política. A engenhosa articulação de relacionar fé e sexualidade foi algo pensado com propósito que as relações entre homens e mulheres se mantivessem desiguais.

A materialização da narrativa exposta em gênesis, numa delirante perseguição às mulheres e ao prazer aponta o feminino como a origem de todo o mal, assim nessa perspectiva é através do corpo da mulher que acontece o pecado original. “Eram consideradas feiticeiras as mulheres orgásticas (!) e ambiciosas (primeira parte, questão VI – Malleus Maleficarum)” (MURARO, 2020 p.23), ou seja, aquelas que não aceitaram o puritanismo ideológico e que não se subjugaram às imposições morais.

A obra supracitada é importante prova da estrutura patriarcal que perdura nas construções e vivências da sociedade, nas ditas elaborações civilizatórias onde se experiencia concretamente e funcionalmente a repressão à mulher e ao prazer. A vinculação do orgasmo ao diabo e ao pecado, como falta grave passível de punição, encolhe a condição feminina e a reduz ao âmbito doméstico. Assim, é principalmente no âmbito da vida doméstica que os valores patriarcais são introjetados e consolidados.

ALVES, PITANGUY (2022) chamam a atenção para a construção da ideia de bruxa/bruxaria como parte do imaginário coletivo apoiada na perseguição a práticas como pacto com o Satã, relação sexual com o demônio e orgias nas florestas. Essas elaborações fantasiosas definiam o crime de bruxaria, sendo o principal elemento de comprovação o contato com o demônio e o principal delito também.

A sistematização da estrutura teórica da demonologia, que estabelecia, inclusive, a hierarquização do reino de satanás, se completa nas duas últimas décadas do século XV. Datam daí os dois documentos que marcam o início da caça às bruxas como um fenômeno sistemático e centralizado [...] trata-se da Bula Summis Desiderantes Affectibus, promulgada pelo Papa Inocêncio VIII, em 1484, que trata da reorganização da inquisição na Alemanha, e do tratado demonológico Malleus Maleficarum de 1486 (ALVES, PITANGUY. 2022 p.34).

No modelo demonológico defendido por esses documentos não importa apenas a definição de bruxa como uma criatura maléfica, mas o caráter coletivo deste malefício, como isso afetaria a ordem social e natural. As mulheres praticantes dos modos de saber e cuidado circulados de forma ancestral e em favor da comunidade seriam se tornariam bodes expiatórios e conseqüentemente responsabilizadas pela desordem social.

As teses que subsidiaram o expurgo do feminino para além do horror dos assassinatos nesse período histórico ultrapassaram os séculos soprando o seu teor ideológico mundo a fora. Presentes na artimanha da colonização e suas catequeses impôs seus propósitos no sistema de dominação com outras formas de matar, mudando uma coisa aqui e outra ali, mas empenhados em assassinar corpos, saberes e subjetividades.

Na obra *o calibã e a bruxa*, Silvia Federici (2017) analisa a relação da caça às bruxas com o desenvolvimento do capitalismo, para ela, a bruxa é a encarnação de um mundo de sujeitos femininos que o capitalismo precisou destruir: a herege, a curandeira, a esposa desobediente, a mulher que ousa viver só, a mulher *obeah* que envenenava a comida do senhor e incitava os escravizados à rebelião.

Para a autora a perseguição às bruxas nos séculos XVI e XVII é lida como importante mecanismo para o desenvolvimento do capitalismo, da colonização e da expropriação do campesinato europeu de suas terras. Cada fase do capitalismo traz consigo o retorno aos aspectos mais violentos da acumulação primitiva<sup>19</sup>, demonstrando que a contínua expulsão dos camponeses da terra, a guerra e o saque em escala global e a degradação das mulheres são condições necessárias para a existência do capitalismo em qualquer época.

A acumulação primitiva é conceituada por Karl Marx como um processo fundacional que revela condições estruturais que tornaram possível a sociedade capitalista. Assim, a acumulação primitiva é pensada a partir do ponto de vista do proletariado assalariado do sexo masculino e do desenvolvimento da produção de mercadorias. Federici (2017), afasta sua análise da perspectiva do alemão quando inclui elementos não considerados por ele, mas essenciais para a acumulação capitalista: o desenvolvimento de uma divisão sexual do trabalho, a construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho

---

<sup>19</sup> A Acumulação Primitiva é segundo Karl Marx, a origem do modo de produção capitalista está ligada a um processo violento de expropriação da produção familiar, artesanal, camponesa, corporativa, etc., que separou o produtor direto dos seus meios de produção e formou enormes massas de indigentes e desocupados, na verdade uma volumosa reserva de força de trabalho livre e disponível para ser comprada, o proletariado; por outro lado, a exploração através de saques, especulação comercial, tráfico de escravos e monopólios mercantis propiciaram enormes oportunidades de enriquecimento para uma parcela da burguesia. Estes fenômenos históricos geraram as duas classes antagonistas da sociedade industrial capitalista, a burguesia e o proletariado.

assalariado e em sua subordinação aos homens, a mercantilização do corpo proletário e sua transformação, no caso das mulheres em uma máquina de produção de novos trabalhadores.

A autora, nos chama a atenção para a importância de se reconsiderar a história das relações capitalistas a partir de um viés feminino, não apenas como uma história que foi oculta, mas como uma forma particular de exploração:

Devo acrescentar que Marx nunca poderia ter suposto que o capitalismo preparava o caminho para a libertação humana se tivesse olhado sua história do ponto de vista das mulheres. Essa história ensina que que, mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres foram tratadas como seres socialmente inferiores, exploradas de modo similar às formas de escravidão (FEDERICI, 2017. p. 21).

Ter um olhar sobre a história na perspectiva feminina é essencial para redefinição de categorias históricas aceitas, abrindo assim possibilidades de visibilização das estruturas ocultas de exploração e dominação. É nesse sentido, que é fundamental questionar o porquê a execução de milhares de mulheres coincide com o surgimento do capitalismo.

A caça às bruxas buscou destruir o controle que as mulheres tinham sobre sua função reprodutiva, e funcionou como uma espécie de preparo para o desenvolvimento de um regime patriarcal mais opressor. Dessa forma, as análises que se debruçam sobre o problema da classe não podem deixar de ter como horizonte crítico que raça/racismo e gênero/patriarcado são elementos estruturantes na tessitura da trama moderna. Em outras palavras, “à perseguição às bruxas (assim como o tráfico de escravos e os cercamentos) constituiu um aspecto central da acumulação e da formação do proletariado moderno” (FEDERICI, 2017. p. 30).

## 1- Mulher do Diabo

“Pombagira quebrou a perna na carreira em que ela deu. O inferno pegou fogo e a mulher do diabo não morreu. Não morreu, a mulher do diabo não morreu ...”

“Rosa Caveira não brinca com faca, Rosa Caveira é a mulher do diabo”

“A Padilha é a mulher de Lucifer a Padilha é a mulher de lucifer. Maria Padilha deu uma gargalhada agarrou meus inimigos na primeira encruzilhada”.

“O povo queria matar uma mulher, o padre não concordou e a rezou com muita fé.

Ele era pecador e na fogueira morreu junto, foi parar lá no inferno aquele casal de defunto.

Ela se juntou às cinzas, gargalhou à luz da lua, a mulher virou Mulambo e o padre seu Tranca Ruas”

Diversas narrativas sobre pombagira fazem menção a uma relação com o diabo e/ou ao inferno. Elas aparecem nos pontos cantados, nas imagens ou na própria nomeação das entidades que se apresentam como Maria Padilha rainha do inferno, Maria Padilha mulher de Lucifer ou mulher do diabo. Quanto mais avançamos na pesquisa mais identificamos que as vias de transgressão percorridas por pombagira estão historicamente atreladas ao feminino, à história da mulher em sentidos múltiplos, mas sobretudo como símbolo de cura e resgate desse corpo ultrajado pelos mecanismos colonizadores do patriarcado no seu viés mais opressor.

Pombagira vence a morte, vence a fogueira, gargalha ao beber um copo de veneno, não morre, se morrer na terceira badalada sai da tumba. Como canta o verso: “a mulher do diabo não morreu”. Em outro se diz: “a mulher do diabo tem um vestido feito de fogo e uma taça de sangue pra ficar melhor”. Para além, daquilo que a catequese plantou no imaginário brasileiro em sua ação em favor da empresa colonial, existe a necessidade de reposicionarmos esse signo. A pombagira é um ponto relevante nesse debate, pois nos possibilita não somente um reposicionamento histórico que confronta o maniqueísmo e o sistema dicotômico operado pela agência moderna-colonial, como também nos possibilita avançar na intersecção gênero/raça/classe como nos sugere Gonzales (2020).

A maioria das mortes praticadas nos episódios do genocídio da inquisição se justificavam por acusações às mulheres de se relacionarem com o diabo, fazerem sexo com ele, terem suas almas atreladas ao maligno a partir de práticas físicas. Ao se afirmar mulher do diabo, descer ao inferno pombagira sacode as estruturas das opressões violentas à mulher, quando vence a morte, deita e rola no fogo do inferno traz consigo no movimento do tempo a redenção do feminino aviltado e expurga a dor na gargalhada. Se na dinâmica colonial a construção do *outro* sempre diz sobre uma dinâmica de *relação* nos termos de Glissant (2021), podemos nos questionar como encarar o diabo diz sobre a complexa e perversa lógica de subordinação de gênero. Dessa maneira, a relação das pombagiras com o diabo e seus atributos se inscrevem como textualidade composta por muitas camadas de sentidos e discursos.

O “papel” do diabo analisado por Federici (2017) trazia à tona a política sexual da caça às bruxas a partir da relação entre a bruxa e o diabo, introduzidas pelos julgamentos dos séculos XVI e XVII. A imagem do diabo nesse contexto sofre uma mudança em comparação àquela das hagiografias medievais ou nos livros dos magos do Renascimento que era uma imagem maligna, mas com pouco poder, um malfeitor um tanto fracassado que possuía até algumas virtudes. A visão renascentista da relação entre o diabo e o mago também o retratava como um ser subordinado, um criado. A caça às bruxas inverteu o poder entre o diabo e a bruxa, agora a mulher era a criada, a escrava, o súcubo de corpo e alma “o diabo era, ao mesmo tempo, seu

dono e senhor, cafetão e marido. Por exemplo, era o diabo que se dirigia à suposta bruxa. Ela raramente o fazia aparecer” (FEDERICI 2017.p. 337). Ele lhe imprimia sua marca, tinha relações sexuais com ela, lhe modificava o nome, sinalizando uma clássica relação de senhor/escravo. Como uma previsão do destino das mulheres havia só um diabo não uma multidão dele, um diabo masculino. Havia uma preocupação com a supremacia masculina, mesmo quando se rebelavam contra as leis humanas e divinas as mulheres eram retratadas como subservientes aos homens.

O famoso pacto com o diabo devia ser representado como um contrato de casamento pervertido. A analogia matrimonial era levada a tal ponto que as bruxas chegavam a confessar que elas “não se atreviam a desobedecer ao diabo” ou, ainda mais curioso, que elas não tinham nenhum prazer em copilar com ele, uma contradição no que diz respeito à ideologia da caça às bruxas, para a qual a bruxaria era consequência da luxúria insaciável das mulheres (IDEM p. 338).

Havia, além da santificação da supremacia masculina a indução aos homens a temer as mulheres, a vê-las como a destruição do sexo masculino. Detinham o poder de atraí-los para fragilizá-los, roubariam suas almas. Uma bruxa poderia castrar os homens, deixá-los impotentes, controlariam seu pênis segundo sua vontade. Todas as mulheres seriam bruxas em potencial, nenhum homem poderia se sentir a salvo tendo uma mulher do lado. Ela, supostamente teria poderes de fazer com que seus pênis desaparecessem como a bruxa citada no Malleus (1430) que teria armazenado dezenas de pênis na casca de uma árvore. Não se tem registro, salvo uma exceção, de organização masculina contrária à perseguição das mulheres, algumas tentativas individuais de pais e filhos de salvar suas parentes e nada mais, sinal de que a propaganda fazia efeito, assim tento êxito em separar homens e mulheres.

A exceção foi caso dos pescadores de uma região basca que souberam, enquanto estavam ausentes para a pesca, que suas esposas mães e filhas estavam sendo apunhaladas, torturadas e mortas num julgamento em massa conduzido pelo inquisidor francês Pierre Lancre. Os pescadores voltaram antes e libertaram o comboio de bruxas que estava sendo levado para a queima. Essa resistência popular foi suficiente para deter os julgamentos (KURLANSKY apud FEDERICI 2001. p.340).

Esse foi um acontecimento único, não se tem registro de nenhum tipo de organização popular que se posicionasse em defesa das mulheres. Sabe-se que alguns homens faziam negócios com as denúncias contra as bruxas, ameaçando delatá-las a menos que elas pagassem.

Homens aproveitavam o clima de suspeita que rondava as mulheres para se livrar de suas esposas e amantes indesejadas, ou para debilitar a vingança das mulheres a que tinham estupro ou seduzido. Sem dúvida, a inércia dos homens diante das atrocidades a que foram submetidas as mulheres foi frequentemente motivada pelo medo de serem implicados nas acusações, já que a maioria dos homens que foram

julgados por tais crimes eram parentes de mulheres suspeitas ou condenadas por bruxaria. Contudo, os anos de propaganda e terror certamente plantaram entre os homens as sementes de uma profunda alienação psicológica com relação às mulheres, o que quebrou a solidariedade de classe e minou seu próprio poder coletivo FEDERICI, 2017. p.340.

Os medos arraigados que os homens nutriam contra as mulheres principalmente por conta da propaganda misógina da igreja foram utilizados como mecanismo de controle social, ao reprimir as mulheres se reprimia toda a sociedade. Os homens expropriados, empobrecidos e criminalizados culpavam as bruxas malditas por sua desgraça. As mulheres não apenas foram acusadas de tornar os homens impotentes, mas tiveram sua sexualidade transformada em objeto de temor, demoníaca, perigosa.

As bruxas estariam envolvidas em práticas sexuais degeneradas, orgias e cópula com o diabo, que supostamente aconteciam no sabá, que se tratava como descreve ROCHA SILVA (2013). No século XV já havia a ideia de que para além de pactos com o diabo as bruxas também o adoravam coletivamente em reuniões noturnas secretas, com ritos blasfêmicos, anti-humanos e promíscuos que ameaçavam a ordem social estabelecida, “toda cultura possui mitos sobre pessoas que invertem a ordem social estabelecida com atitudes que contrariam os padrões morais, sociais e religiosos de sua época” (idem p.58).

Sobre o sabá ele era identificado como ritos que envolviam práticas como canibalismo, infanticídio, vôo das bruxas, grande prevalência de componentes eróticos, atividades heterossexuais e homossexuais nas cerimônias. Destacando a obsessão negativa da igreja com relação à sexualidade, o desejo emerge como grande pecado cristão. O fato de as bruxas terem sido acusadas de causar impotência aos homens, e ao mesmo tempo causar-lhes paixões sexuais parece ser uma contradição, mas na verdade fazem parte da construção do novo código patriarcal bendito por essa lógica contrária ao feminino. Nessa construção, “a impotência física era a contrapartida da impotência moral; era a manifestação física da erosão da autoridade masculina sobre as mulheres” (FEDERICI, 2017. p.342), assim não havia diferença entre um homem castrado e um inutilmente apaixonado.

Uma mulher ativa sexualmente poderia destruir a autoridade dos homens, já que a paixão sexual comprometeria seu juízo, seu equilíbrio racional. A sexualidade da mulher constituía um perigo público, uma ameaça à ordem social por subverter o senso de responsabilidade, a capacidade para o autocontrole e trabalho. Por isso a sexualidade feminina deveria ser extinta, exorcizada. Por meio de tortura, morte em fogueiras, interrogatórios que misturavam exorcismo sexual e estupro psicológico, inaugurava-se de fato uma era de repressão sexual.

## 2- Bruxas da banda cruzada

De acordo com as pesquisas do antropólogo Luiz Mott (2010), o processo da Inquisição no Brasil se deu, em 1591, após cumprir formalidades burocráticas do Tribunal do Santo Ofício, ocorreu a primeira visitação do Santo Ofício às partes do Brasil.

Fundado em Portugal em 1536, pelo rei D. João III, o Tribunal do Santo Ofício tinha como principal atribuição perseguir as heresias – sobretudo o judaísmo, protestantismo e feitiçarias –, acrescentando-lhe com o decorrer do tempo, também o castigo aos bigamos, sodomitas e aos sacerdotes que solicitavam suas penitentes para atos torpes (MOTT, 2010. p.19).

A migração de judeus expulsos da Espanha para Portugal, em 1492, fez com que a perseguição se repetisse com a criação do Santo Ofício lusitano, em 1536. O Brasil nunca chegou a ter um tribunal, mas emissários da Inquisição aportaram por aqui entre 1591 e 1767. Calcula-se que 400 brasileiros foram condenados e 21 queimados em Lisboa, para onde eram mandados os casos mais graves. Os inquisidores portugueses fizeram 40 mil vítimas, das quais 2 mil foram mortas na fogueira. Na Espanha, até a extinção do Santo Ofício, em 1834, estima-se que quase 300 mil pessoas tenham sido condenadas e 30 mil executadas.

Para Mott (2010), provavelmente esse número seja ainda superior pois dentre os 40 mil processos arquivados na Torre do Tombo em Lisboa, muitos ainda não foram catalogados e podem aumentar o número dos réus procedentes do Brasil. De acordo com Ronaldo Vaifas a ação da inquisição portuguesa estava preocupada não apenas com o suposto judaísmo dos cristãos novos, mas com a persistência da cultura e moralidades infensas aos dogmas católicos. Tal religiosidade seria, na colônia, mesclada às crenças e costumes africanos e ameríndios.

Debruçando-se sobre homens e mulheres infernais - infernais por sua origem, posição social e modo de viver -. O diabo resgata nosso imaginário passado, que não estranha aos olhos do presente, marcando decisivamente os estudos da história das mentalidades no Brasil (VAIFAS, 1988.p.168).

Na descrição do ameríndio, seu corpo, costumes e crenças a retratação predominante era de uma humanidade inferior, animalesca, próxima dos monstros que povoavam a imaginação europeia na baixa Idade Média. Ou seja, uma espécie de humanidade inviável guiada por um demônio. “Frei Vicente do Salvador fora o primeiro, já no século XVII, a vincular o triunfo do nome Brasil sobre a terra de Santa Cruz ao pau avermelhado e abrasado, que mais convinha ao diabo que a deus” (VAIFAS, 1988).

Os Jesuítas desde o século XVI estiveram à frente da demonização dos indígenas, estendida depois aos negros, justificada ora pela catequese ora pela escravização ou por ambas as estratégias colonizadoras. Havia, nesse sentido, descrição detalhada de práticas mágicas,

sortilégios e ritos que acompanhavam a vida na colônia. Para Mello (1984), essas práticas faziam parte da busca por melhores condições de vida, por meio de adivinhações, cartas, como provocavam ou resolviam conflitos a partir do sobrenatural, assim viviam uma religiosidade particular.

Como exemplo de mulheres investigadas, denunciadas, presas e punidas pela inquisição em terras brasileiras falaremos brevemente dos casos de Rosa Egipcíaca a partir dos estudos de Luiz Mott (1993) e do caso de duas escravizadas mestiças, Joana e Custódia de Abreu destacadas nos estudos de Carolina Rocha (). Nesse segundo caso as duas mulheres assumiram participar de encontros noturnos firmados por pactos diabólicos no Piauí colonial.

De acordo com Mott (1993), Rosa nasceu na Costa de Ajudá, no atual Benim, de nação courana em 1725. Aos seis anos de idade, após ser capturada pelo tráfico negreiro, desembarcou no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1733. Foi levada para Minas Gerais pelo frei José de Santa Rita Durão, onde viveu como meretriz durante 15 anos.

Durante o período em Minas, aos 30 anos, foi acometida por um estranho inchaço e por uma enfermidade no estômago, período coincidente com o de visões místicas, o que a levaria a deixar o meretrício e a se tornar "beata". Em 1748, vendeu joias e roupas conseguidas durante o meretrício e distribuiu o dinheiro aos pobres.

Nesse período passou a frequentar os ofícios divinos e liturgias. Em um deles ela conheceu o padre Francisco Gonçalves Lopes, vigário da freguesia de São Caetano, que era famoso pela prática de exorcismos, quando disse estar possuída por sete demônios e ter sentido um caldeirão de água fervente despejado sobre seu corpo. No primeiro exorcismo de Rosa Egipcíaca, ela caiu no chão desacordada, "partindo a cabeça na pedra debaixo do altar de São Benedito".

Em outro momento, o casal Durão disse que Rosa "era uma possessa especial, pois, quando vexada, fazia sermões edificantes, sempre preocupada que todos mantivessem perfeita compostura nos templos" e que falava grosso quando possuída por Satanás, além de ter visões como a de Nossa Senhora da Conceição. O nome Egipcíaca foi dado em referência à Santa Maria Egipcíaca, também ex-prostituta. As visões de Rosa levam sua fama a ser conhecida em Mariana, Vila Rica e São João del Rei. Certa vez, na Igreja de Nossa Senhora do Pilar, em São João del Rei, Rosa Courana interrompeu a pregação de um missionário ao gritar que ela era o próprio Satanás ali presente. Levada à sede do bispado, em Mariana, foi avaliada pela Igreja que a considerou "embusteira", sendo, pois, açoitada, em 1749, no pelourinho de Mariana. Conseguiu sobreviver aos castigos, mas ficou com o lado direito do corpo semiparalisado pelo resto da vida.

Após esse acontecimento Rosa procurou o bispo da Diocese, D. Frei Manoel da Cruz, quando, após uma série de provas (uma delas envolvendo a resistência de 5 minutos à chama de uma vela), o grupo conclui que tudo não passava de fingimento, o que levou o povo a chamá-la de feiticeira. Em São Sebastião do Rio de Janeiro, para onde fugiu em 1751 e permaneceu até 1763, aprendeu a ler e escrever motivada por inspiração espiritual.

Nesse período, ela revelou detalhes de sua vida e dons sobrenaturais ao Provincial dos Franciscanos, Frei Agostinho de São José, que passou a ser seu mentor espiritual, período também que leva os franciscanos a admirá-la pelos jejuns prolongados, autoflagelação, uso de cilício e comunhão frequente. Essas características levaram os franciscanos a chamá-la de "flor do Rio de Janeiro".

Foi fundadora em 1751, no Rio de Janeiro, o Recolhimento do Parto que era um local destinado a receber ex-prostitutas e de cultos que serviam biscoito de farinha feito com a saliva de Rosa. No mesmo local ela recebeu dezenas de famílias após convencê-las de que um dilúvio só pouparia quem lá se escondesse. Madre Rosa foi adorada por fiéis que a procuravam de joelhos, beijando-lhe os pés e venerando suas relíquias. Os cerimoniais celebrados pela santa africana misturavam elementos católicos com ritos africanos, como o hábito de pitar cachimbo.

Escreveu *Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas*, um livro de cerca de 250 páginas posteriormente qualificado como heresia e parcialmente destruído pelo confessor, ex-exorcista e coproprietário, o padre Francisco Gonçalves Lopes, conhecido como Xota-Diabos, a fim de preservá-la da Inquisição. Ao se indispor com o clero que conversava durante cerimônias e com uma mulher na igreja de Santo Antônio foi denunciada ao bispo. Esse processo reuniria outros desatinos de Rosa, como os de dizer-se mãe de Deus, redentora do universo, superior a Santa Teresa, objeto de verdadeira e herética idolatria em seu recolhimento, além de capitanear rituais sincréticos igualmente suspeitos.

Em certo momento, chegou a dizer que o Menino Jesus diariamente ia penteá-la e, em agradecimento, dava-lhe de mamar. Em 1763, ela foi tida pela Igreja Católica como herege e falsa santa, o que a levou ser presa nos Cárceres do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa, onde não desmentiu suas visões e experiências sobrenaturais. Rosa Egipciaca morreu de causas naturais no dia 12 de outubro de 1771, ainda sob cárcere do Santo Ofício da Inquisição de Lisboa.

Rosa Maria Egipciaca da Vera Cruz é possivelmente a mulher negra africana do século XVIII, tanto em África como na diáspora afro-americana e no Brasil, sobre quem se dispõe mais detalhes documentais sobre sua vida, sonhos, escritos e paixão. É a primeira mulher negra a ter escrito um livro, do qual restaram algumas páginas manuscritas. A impactante vida de Rosa

e sua relevância histórica foram inspiração para o carnaval de 2023 da Unidos do Viradouro, escola de samba da cidade de Niterói no Rio de Janeiro:

Rosa maria, menina flor  
rainha do espelho mar  
na pele do tambor  
pranto das dores que resistiu  
deságua no imenso brasil  
sua luz incorporou:

Distante me encontro das origens  
caminho onde o corpo foi prisão  
ouro que deixou as cicatrizes  
esperança foi vertigem  
a alma, libertação

É vento na saia da preta courá  
na ginga do acotundá...  
é ventania  
sete vozes guiaram minhas visões  
mistério, alucinações, feitiçaria

Me entrego a escrever a predição  
lágrima nas contas do rosário  
dádiva ao clamor do coração  
palavras de um preto relicário  
a voz que cobre o cruzeiro  
reluz sobre nós no fim do calvário  
navega esperança à luz do encantado  
reflete o azul

Senti a alma daqueles, os mais oprimidos  
venci heresia na fé dos divinos  
a mais bela rosa aos pés do senhor  
candombes e batuques no cortejo  
eu sou a santa que o povo aclamou  
Eis a flor do seu altar, sua fé em cada  
gesto  
o amor em cada olhar dos filhos meus  
no cantar da viradouro, o meu samba é  
manifesto sou rosa maria, imagem de  
Deus

Eis a flor do seu altar, sua fé em cada  
gesto  
o amor em cada olhar dos filhos meus  
no cantar da viradouro, o meu samba é  
manifesto imagem de Deus, sou eu

**Compositores:** Claudio Mattos, Dan Passos,  
Marco moreno, Victor Rangel, Lucas Neves,  
Deco, Thiago Meiners, Valtinho Botafogo, Luis  
Anderson, Jefferson Oliveira e Bertolo.

As contribuições de ROCHA SILVA (2013) apontam que a maioria das fontes disponíveis sobre feitiçaria na Época Moderna – tratados demonológicos, processos de execução dos condenados e os processos contra réus nos tribunais seculares, episcopais e inquisitoriais foram elaboradas pelos homens que condenava a bruxaria e perseguiram as feiticeiras

O que gera uma atitude comum de descrédito com as fontes. No entanto, as “distorções” também indicam aos estudiosos a natureza das crenças construídas em torno da feitiçaria. Através dos supostos erros de interpretação de magistrados e juízes é possível encontrar a mentalidade de uma época, que enquadrava as crenças acerca da feitiçaria e dos poderes do demônio no seu sistema de crenças religiosas. As fontes não são mentirosas, elas refletem uma visão de mundo, que na época era profundamente marcada pela oposição entre Deus e o Diabo (IDEM p.195).

As práticas mágicas, assumiam uma função social no Brasil, tanto para os colonizadores como para os colonizados. Para os colonizadores eram a origem de todo o mal, a prova da ação do Diabo sob aqueles povos, o impedimento à conversão dos indígenas e que corrompia a fé dos colonos. Para os colonos o contato com o mundo sobrenatural “permitia o alívio das tensões inerentes ao sistema escravista, da violência, miséria, angústias, desafetos, doenças, demais sentimentos ligados ao inconsciente e condição social” (ROCHA SILVA.2013. p.195).

O estudo da professora Carolina revela que a manifestação religiosa controvertida que praticamente não aparece nos arquivos inquisitoriais portugueses, o sabá piauiense, era uma representação religiosa popular híbrida. Apesar de configurada como uma reunião diabólica havia ali uma interposição de diversas crenças, oriundas da sociedade colonial múltipla que confluía vários ritos nos cotidianos indígenas, africanos e europeus que compartilhavam calundus, magismos, superstições, religiões e vivências.

O jesuíta Manuel da Silva, missionário que levava a palavra de Deus para os sertões da colônia, foi o responsável em 1758 por escrever e enviar para a Inquisição de Lisboa a confissão da mestiça Joana e da índia Custódia. A confissão destacava o arrependimento de terem participado de encontros noturnos com o Diabo na vila Mocha e nas Cajazeiras, no Piauí. O padre era obstinado em salvar as almas do sertão e tinha por objetivo denunciar a falta de igrejas e sacerdotes naquelas terras. As acusadas eram um reflexo da sociedade escravista na qual pertenciam, assim “canalizando para os símbolos do cristianismo toda a fúria que sentiam pela sua condição, chamando a Virgem de negrinha escrava e Cristo de moleque, e exercendo a capacidade de puni-los” (ROCHA SILVA, 2013).

Os depoimentos das duas escravizadas Joana e Custódia de Abreu foram escritos e enviados pelo jesuíta Manoel da Silva ao Tribunal do Santo Ofício de Lisboa, com descrições muito semelhantes com os elementos que definem o complexo sabático europeu.

A primeira que me começou a ensinar foi a supradita Cecília mestiça: esta, por espaço de um mês, que nesse ano foi próximo ao dia e véspera de São João, em que foi o primeiro dia que eu comecei o comércio com o Demônio. Um mês antes, me contou a dita Mãe Cecília, que o Demônio tinha torpezas com as mulheres. E que se eu queria falar e ter com ele, ela me ensinaria. Aceitei eu, como rapariga de nenhuns miolos e por outra parte de costumes de pouca ou nenhuma boa educação. Então me disse ela que eu havia de ir nua à porta da igreja da mesma vila da Moucha, em que vivíamos, e na qual igreja da vila se conserva sempre o Santíssimo Sacramento, que ali havia de bater com as partes prepósteras assim nua uma três vezes na porta da Igreja indo sempre para trás, e havia no mesmo ponto de chamar por este nome e vocábulo: Tundá, o qual vocábulo nem eu lhe sei bem decifrar a significação inteira e cabal, mas julgo ser nome do Demônio. E que dali havia de endireitar nua para umas covas de defuntos que estão a um lado da vila, onde chamam o Enforcado, por se ali ter enforcado algumas vezes alguns delinquentes. E que ali me havia de aparecer um moleque e que eu pondo-me na postura de quatro pés, ele me havia de conhecer pela prepóstera (Transcrição Luiz Mott in ROCHA SILVA 2013 p.200).

O texto foi resultado da confluência de diversas crenças mágico-religiosas, a descrição dos encontros noturnos com o diabo se aproximou ora da magia popular, ora dos calundus coloniais e ora do *sabá* europeu. As intenções do padre ao enviar as confissões para a Inquisição parecem vir da vontade de denunciar o estado de “abandono religioso” dos sertões e de destacar a importância da Ordem do qual fazia parte. A grande justificativa moral da colonização foi a necessidade de levar a palavra de Deus e converter ao cristianismo os habitantes das novas terras. Nesse contexto, exploradores e missionários funcionavam como exorcistas dos demônios americanos.

De acordo com o estudo de FÉ BARBOSA (2021), denúncia feita pelo padre Manoel da Silva, ao enviar as confissões para o Tribunal da Inquisição de Lisboa, não se transformou em processo, provavelmente pelo pouco interesse pelos casos associados a feitiçaria nesse momento histórico, e/ou pelo fato das duas escravizadas não terem nada a oferecer, assim não teriam bens a ser confiscados.

Os jesuítas tiveram destaque na colonização da América Portuguesa. Exploração comercial e missão cristã da Igreja em converter os povos indígenas operou de forma articulada na expansão das áreas de dominação e na justificativa da própria colonização. A emergência da inscrição Pombagira nos cotidianos brasileiros, seja nos terreiros, ruas, esquinas, cabarés, cemitérios, desejos, paixões, ânsia por liberdade e principalmente no corpo das mulheres nos convoca a ler tal signo como uma espécie de verso que diz sobre essas batalhas. Dessa maneira, conte-la no cárcere da demonização contribui para um não enfrentamento das violências que pavimentam o mundo moderno-colonial.

Em outra perspectiva, encarar pombagira como mulher do diabo a partir de um giro enunciativo, ou seja, a luminosidade e quentura das labaredas cuspidas por ela, nos possibilita investir no desdobramento de seu signo como parte de uma poética que diz desde uma política de transgressão dos parâmetros da dominação colonial. Assim, se a catequese escolariza e firma a agenda curricular colonial é necessária reivindicar educações que nos permitam desaprender do cânone (Rufino, 2021). Essas por sua vez, são as bases fundantes para riscar outras pedagogias.

### **Considerações finais - Quem é você para deitar na minha cama**

Invocamos pombagira numa provocação política/epistemológica a partir da imanação das textualidades femininas presentes em seu signo. Dessa forma, sua presença expansiva e múltipla contraria a lógica do lugar definido, encolhimento e subordinação. O corpo das Marias

propõe a rasura dos padrões dominantes e cura, esta, em diálogo com o sentido de cura proposto em relação à educação: A educação é uma esfera de autoconhecimento, responsabilidade, liberdade e cura” (RUFINO, 2021. p.12).

Esse signo feminino, sob a imposição do critério do pecado que a transformou em mulher do diabo, anuncia a força livre da corporeidade da mulher, aquela que não se permite domesticar que não se submete à ordem reprodutiva, à servidão de nenhuma espécie. O girar das saias e o perfume marcante invadem o salão do feminino apresentando possibilidades de tratamento para esse corpo oprimido e violentado. A cura pela experiência de liberdade e beleza.

O protagonismo de um corpo embebido de libido e envolvido num movimento constante de sensualidade assusta o olhar domesticado que demoniza a mulher. A proposta radical de liberdade contida nesse signo está ligada a não contenção do corpo, aquele que faz seu caminho de forma autônoma. Pombagira se apresenta como a mulher do diabo, assumindo esse lugar por uma via oposta aos tratados demonológicos abordados nesse texto. Ela se coloca como a rainha do inferno fazendo do veneno remédio, transgredindo a lógica de redução da mulher, contestando a catequese e apresentando novas possibilidades político/epistemológica/ética/estética/pedagógica para tratar com centralidade no feminino a questão da violência/dominação colonial.

Se há um projeto ideológico secular de ódio de gênero manifestada pelas inúmeras violências praticadas pelo machismo/patriarcado há pombagira para dizer que a mulher vai renascer, não de forma romantizada sem pesar ou dor, mas esse corpo marcado vai chegar com sete navalhas nas mãos, vai beber veneno e vai gargalhar na fogueira e vai dobrar o diabo. “O inferno pegou fogo a mulher do diabo não morreu, não morreu... a mulher do diabo não morreu”.

## Referências

FÉ BARBOSA, Rosamaria de Sousa. “Aceitei eu, como rapariga de nenhum miolos”: o limiar da santidade e perversão ou um duelo entre deus e o demônio, no Piauí do século XVIII, in: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/hydra/article/view/11881/8887>. Revista Hydra volume 6, número 10, 2021. Acesso em fevereiro de 2023.

FEDERICI, Silvia. Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 11 ed. São Paulo: Elefante, 2021.

GONZALES, Lélia. *Por um Feminismo Afro-latino-americano*. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (ORGs). Rio de Janeiro: Zaar. 2020.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. O martelo das feiticeiras. 29 ed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

MOREIRA ALVES, Branca; PITANGUY, Jaqueline. (Orgs). Feminismo no Brasil- Memórias de quem fez acontecer. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2022.

MOTT, Luiz. Rosa Egipcíaca: uma santa africana no Brasil. Rio de Janeiro. Bertrand do Brasil, 1993.

ROCHA SILVA, Carolina. O sabá do sertão: feiticeiras, demônios e jesuítas no Piauí colonial (1750-58). Dissertação de mestrado instituto de ciências humanas e filosofia programa de pós-graduação em história social. Universidade Federal Fluminense. 2013.

RUFINO, Luiz. Vence demanda: educação e descolonização. Rio de Janeiro. Mórula, 2021.

SANTOS, Antonio Bispo. Colonização, Quilombos: modos e significados. Brasília: UNB, 2015.

VAINFAS, Ronaldo. A problemática das mentalidades e a inquisição no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Estudos históricos, 1988.